

TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA, COM BREVES COMENTÁRIOS E CONTEXTUALIZAÇÃO, DE DOIS POEMAS DE ALFONSINA STORNI

Laura Tallone
ISCAP | CEI
Portugal
lauratal@iscap.ipp.pt

Alfonsina Storni (1882-1938) foi uma poeta argentina geralmente associada com o Modernismo literário que, inaugurado pelo nicaraguense Rubén Darío na década de 1880 (Rimas, 1887, e Azul, 1888), se estendeu por todo o território da América Hispana, representado por figuras como Amado Nervo (México), José Martí (Cuba), Rómulo Gallegos (Venezuela) ou Leopoldo Lugones (Argentina). De facto, a imagética de Alfonsina, especialmente na sua produção inicial, parece pertencer claramente à estética modernista, nomeadamente pela preferência por metáforas altissonantes (omnipresente o ouro, o mármore, a seda, o âmbar), pelos helenismos e a mitologia clássica (sátiros e faunos) e pela procura da palavra esquecida (cultismos e helenismos), entre outras características. Mas há uma outra Alfonsina (Cywiner 2009), ideologicamente aparentada com as também modernistas Delmira Agustini (Uruguai, 1886-1914), Juana de Ibarbourou (Uruguai, 1892-1979) ou Gabriela Mistral (Chile, 1889-1957), e que juntamente com estas inaugura o reposicionamento da voz feminina nas letras latino-americanas, não como objeto observado pelo olhar do outro, mas como sujeito falante e enunciador (Kirkpatrick 2005). Estas poetisas operam uma reapropriação do erotismo e da sensualidade, com uma visão crítica do seu contexto e das relações de sexo-género, que, no caso de Alfonsina Storni, pode manifestar-se como comentário amargo (Las mujeres mentales / Perdedoras salimos en negocios de amores /.../.../ piensan que las mejores / Son aquellas plegadas a sus modos carnales... "La otra amiga", 1919) ou com acutilante ironia: Desde viejas edades / ¿Quién se puede quejar? / Nos crían muy rosadas / Para el buen gavilán. ("La ronda de las muchachas", 1920).

Dos dois poemas cuja tradução aqui se oferece, o primeiro, "Tú me quieres blanca" (publicado em 1918, no volume El dulce daño), pertence à fase inicial da produção de

Alfonsina, antes da gradual adoção de uma linguagem vanguardista a partir de *Ocre* (1925) e da ruptura formal evidente nas suas duas últimas obras (*Mundo de siete pozos* e *Mascarilla y trébol*). "Tú me quieres blanca" aborda um dos tabus da época, o da castidade feminina, assumindo a denúncia dos estereótipos e a defesa da igualdade entre os géneros. Escrito em hexassílabos não rimados, o poema pode ser dividido em dois momentos principais segundo o tom adotado: o primeiro, recriminatório, culmina na enfática exclamação do último verso da quarta estrofe, após o marcado contraste cromático entre a brancura feminina e o homem identificado com o negro e o vermelho. No segundo momento, a voz enunciativa reclama a superioridade moral, patente nos imperativos verbais e na ironia do vocativo "buen hombre" (daí a escolha de "meu rapaz" na versão portuguesa).

"Tú que nunca serás", soneto canónico de verso hendecassílabo e esquema de rima consonante, descreve a exaltação espiritual e física do amor, como experiência quase religiosa, e o desequilíbrio da possessão amorosa, que provoca, nos dois tercetos finais, o confronto com o discurso masculino dominante (Aston 2014). Foi publicado em *Ocre* (1925), obra de maturidade em que a autora problematiza alguns tópicos da literatura erótica (Sarlo 1990: 149) e coloca em causa o arquétipo feminino (Rey devorante, bello y devastador: mi alma, / Nacida para amarte, no te amó cual debía: un demonio en / Aquella, hubo, que comprendía, / Un demonio avezado me develó tu alma /.../, "El rey devorante").

Das versões interlineares, frequentes nalgumas edições bilingues de obras clássicas, às experiências de recriação mais radicais, a tradução de poesia admite uma miríade de estratégias intermédias, que dependerão, entre outros fatores, do posicionamento estético-ideológico de quem a realiza, de condicionantes externas (sociais, culturais, comerciais, etc.) e da função que supostamente deverá desempenhar o texto traduzido. Assim, as versões portuguesas aqui propostas surgiram como um exercício, em certa medida lúdico, numa tentativa de "medir forças" com uma língua, a portuguesa, que, apesar da familiaridade ganha através de anos de contacto e de estudo, continuará a ser para a autora uma língua alheia. Contudo, a proximidade entre a língua portuguesa e a espanhola facilitam a tarefa, apesar de algumas dificuldades pontuais.

A maior dessas dificuldades foi a colocada pela métrica e, no caso do soneto, a rima, cuja preservação se afigurou crucial, dado que em Alfonsina Storni, o domínio das formas poéticas canónicas é também indicativo da reapropriação do discurso masculino (Aston 2014), tendo experimentado o verso livre só no final da sua vida. Em "Tu quieres-me branca" optou-se pela redondilha menor, de cinco sílabas, com acentos alternados. Embora não rimados, os versos em espanhol conseguem um efeito rítmico semelhante à rima através das terminações em palavras de acento grave, que na versão portuguesa foi possível replicar, exceto em três casos (luar, irmã, jardins). Relativamente ao soneto, a opção pelo decassílabo exigiu maior condensação nos versos (note-se a elisão da coordenação, no primeiro verso, e do verbo copulativo, no terceiro), especialmente devido à crase não se produzir da mesma forma nas duas línguas, em virtude das, agora sim, grandes diferenças nos respetivos sistemas vocálicos. O esquema da rima (ABBA ABBA CCD EED) manteve-se, embora imperfeita no segundo e terceiro verso das duas quadras. Para isso, foi necessário intensificar o uso do hipérbato, como no último verso do primeiro terceto.

Ficam então aqui os dois poemas de Alfonsina Storni e as correspondentes versões em língua portuguesa, em apresentação dupla, na esperança de que o leitor aprecie o esforço, ainda que não o resultado.

Tú me quieres blanca

Tú me quieres alba,
Me quieres de espumas,
Me quieres de nácar.
Que sea azucena
Sobre todas, casta.
De perfume tenue.
Corola cerrada.

Tu quieres-me branca

Tu quieres-me alva,
Queres-me de espuma,
Queres-me de nácar.
Que eu seja açucena
Entre todas casta.
De perfume ténue.
Corola fechada

Ni un rayo de luna Filtrado me haya. Ni una margarita Se diga mi hermana. Tú me quieres nívea, Tú me quieres blanca, Tú me quieres alba.	Nunca o luar Me tenha tocado. Nem a margarida Seja a minha irmã. Tu queres-me nívea, Tu queres-me branca, Tu queres-me alva.
Tú que hubiste todas Las copas a mano, De frutos y mieles Los labios morados. Tú que en el banquete Cubierto de pámpanos Dejaste las carnes Festejando a Baco. Tú que en los jardines Negros del Engaño Vestido de rojo Corriste al Estrago.	Tu chegaste a todas As pródigas frondes, De frutos e meles Os lábios morados. Tu que no banquete, Coberto de pâmpanos, Laceraste a carne Festejando Baco. Tu que nos jardins Negros do Engano Em vestes vermelhas Espalhaste o Dano.
Tú que el esqueleto Conservas intacto No sé todavía Por cuáles milagros, Me pretendes blanca (Dios te lo perdone) Me pretendes casta (Dios te lo perdone) ¡Me pretendes alba!	Tu que o esqueleto Conservas intacto Não sei bem ainda Por quantos milagres, Pretendes-me branca (Que Deus te perdoe), Pretendes-me casta (Que Deus te perdoe), Pretendes-me alva!

Huye hacia los bosques;	Foge para os bosques,
Vete a la montaña;	Vai até aos montes,
Límpiate la boca;	Limpa a tua boca,
Vive en las cabañas;	Vive nas cabanas,
Toca con las manos	Toca com as mãos
La tierra mojada;	A terra molhada,
Alimenta el cuerpo	Alimenta o corpo
Con raíz amarga;	De raiz amarga,
Bebe de las rocas;	Bebe entre as rochas,
Duerme sobre escarcha;	Dorme sob o orvalho,
Renueva tejidos	Renova tecidos
Con salitre y agua;	Com salitre e água,
Habla con los pájaros	Fala com os pássaros,
Y lévate al alba.	Com o alvor levanta.
Y cuando las carnes	E quando as carnes
Te sean tornadas,	Tornem ao teu corpo,
Y cuando hayas puesto	E nelas encontre
En ellas el alma	Morada a tua alma,
Que por las alcobas	Que pelas alcovas
Se quedó enredada,	Ficou tresmalhada,
Entonces, buen hombre,	Então, meu rapaz,
Preténdeme blanca,	Pretende-me branca,
Preténdeme nívea,	Pretende-me nívea,
Preténdeme casta.	Pretende-me casta.

Tú, que nunca serás

Sábado fue, y capricho el beso dado,
capricho de varón, audaz y fino,
mas fue dulce el capricho masculino
a este mi corazón, lobezno alado.

No es que crea, no creo, si inclinado
sobre mis manos te sentí divino,
y me embriagué. Comprendo que este vino
no es para mí, mas juego y rueda el dado.

Yo soy esa mujer que vive alerta,
tú el tremendo varón que se despierta
en un torrente que se ensancha en río,

y más se encrespa mientras corre y poda.
Ah, me resisto, mas me tienes toda,
tú, que nunca serás del todo mío.

Tu, que nunca serás

Sábado foi: capricho o beijo dado,
capricho de varão, audaz e altivo,
mas doce tal capricho masculino
para o meu coração, lobato alado.

Não creio, de todo, se inclinado
sobre as minhas mãos, te senti divino
e me embriaguei. Sei que este vinho
não é p'ra mim, mas jogo e lanço o dado.

Eu sou essa mulher que vive alerta,
tu o tremendo varão que desperta
tornando em largo rio essa torrente,

que mais se agita enquanto corre e poda.
Ah, resisto, mas dominas-me toda,
tu, que nunca serás meu totalmente.

Obra poética de Alfonsina Storni:

La inquietud del rosal, La Facultad, Buenos Aires, 1916.

El dulce daño, Sociedad Cooperativa Editorial Limitada, Buenos Aires, 1918.

Irremediamente, Sociedad Cooperativa Editorial Limitada, Buenos Aires, 1919.

Languidez, Sociedad Cooperativa Editorial Limitada, Buenos Aires, 1920.

Ocre, Babel, Buenos Aires, 1925.

Poemas de amor, Porter, Buenos Aires, 1926.

Mundo de siete pozos, Tor, Buenos Aires, 1935.

Mascarilla y trébol, Imprenta Mercatali, Buenos Aires, 1938.

BIBLIOGRAFIA

ASTON, Arcea Z. (2014). "De una sujeto femenina a una sujeto mujer-crítica. Pedagogías del cuerpo en *Languidez y Ocre* de Alfonsina Storni", in *Perífrasis, Revista de Literatura, Teoría y Crítica*, Universidad de los Andes. Recurso eletrônico, disponível em https://revistaperifrasis.uniandes.edu.co/index.php?option=com_content&view=article&id=194%3Ade-una-sujeto-femenina-a-una-sujeto-mujer-critica-pedagogias-del-cuerpo-en-languidez-y-ocre-de-alfonsina-storni&catid=38%3Aindice&lang=es

CYWINER, María Esther (2009) "Alfonsina en cuerpo y escritura". *Espéculo, Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid. Recurso eletrônico disponível em https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero43/alf_stor.html

DELGADO, Josefina (2012). *Alfonsina Storni: una biografía esencial*, Buenos Aires: Planeta.

KIRKPATRICK, Gwen (2005). *Disonancias del Modernismo*, Buenos Aires: Libros del Rojas.

PLEITEZ, Tania (2003) *Alfonsina Storni - Mi casa es el mar*, Madrid: Espasa Calpe.

ROCHA, Nildicéia Aparecida (2013). "A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni. Uma voz gritante na América", São Paulo: Editora UNESP. Recurso eletrônico disponível em: <http://editoraunesp.com.br/catalogo/9788539304264,constituicao-da-subjetividade-feminina-em-alfonsina-storni-a>.

SALOMONE, Alicia N. (2006). *Alfonsina Storni. Mujeres, modernidad y literatura*. Buenos Aires: Corregidor.

(1998) "Voces femeninas/feministas en el discurso intelectual: Alfonsina Storni y Victoria Ocampo". In: Paper presented at the 1998 meeting of the Latin American Studies Association (LASA). Recurso eletrônico, disponível em <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Salomone.pdf>

SARLO, Beatriz (1988). *Una modernidad periférica. Buenos Aires 1920 y 1930*, Buenos Aires: Ediciones NuevaVisión.

(1990) "Decir y no decir: erotismo y represión en tres escritoras argentinas". in Carmen Berenguer *et al.*(coord), *Escribir en los bordes. Congreso Internacional de Literatura Femenina Latinoamericana*, Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, pp. 127-70.

(2005). "Mulheres, História e Ideologia", in *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de educação* (trad. Rubia P. Goldoni), São Paulo: EDUSP (Ensaio Latinoamericanos 2).

SENSIDONI, Eleonora (2012). *Una trenza literaria para contar el siglo XX en Argentina: Alfonsina Storni, Victoria Ocampo, Griselda Gambaro*, Venezia: LaToletta.

VASALLO, Jaqueline & CALLE, Leandro (2015) *Alfonsina Storni. Literatura y feminismo en la Argentina de los años 20*, Córdoba: EDUVIM